



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS

JARDELLY LUIS LIRA

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS: ALGUMAS REFLEXÕES A
PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

GUARABIRA

2019

JARDELLY LUIS LIRA

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS: ALGUMAS REFLEXÕES A
PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Artigo apresentado ao Programa de Graduação
em Letras da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
Graduada em Letras- Habilitação Português.

Área de concentração: Linguística e Ensino

Orientadora: Prof^ª. Esp.^ª Karla Valéria Araújo Silva

GUARABIRA

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L768f Lira, Jardelly Luis.
A formação do professor de português [manuscrito] :
algumas reflexões a partir do estágio supervisionado / Jardelly
Luis Lira. - 2019.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Esp. Karla Valéria Araújo Silva ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Estágio Supervisionado. 2. Formação Docente. 3.
Ensino. 4. Língua Portuguesa. 5. Proposta de Ressignificação.
I. Título

21. ed. CDD 469

JARDELLY LUIS LIRA

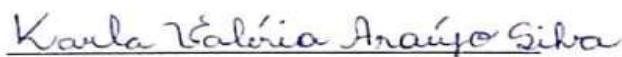
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS: ALGUMAS REFLEXÕES A
PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Artigo apresentado ao Programa de Graduação
em Letras da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
Graduada em Letras- Habilitação Português.

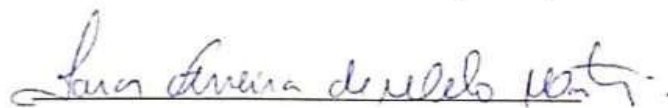
Área de concentração: Linguística e Formação
docente.

Aprovado em: 19/11/2019

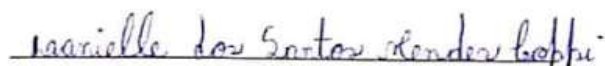
BANCA EXAMINADORA



Profª. Esp. Karla Valéria Araújo Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Danielle dos Santos Mendes Coppi (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais: José e Severina, por todo amor,
companheirismo e incentivo;
Ao meu moço: Edinaldo por todo carinho,
ajuda e paciência;
À minha madrinha Josilene, por me inspirar e
me ajudar na realização deste sonho;
À minha orientadora Karla Valéria, por toda
dedicação e compromisso, DEDICO.

“Aprender é uma das coisas mais bonitas, mais gostosas da vida. Acontece em qualquer tempo, em qualquer idade, em qualquer lugar. Ajudar as pessoas a descobrir esse prazer, a “degustar” o sabor dessa iguaria é ascender às mais altas esferas da atuação humana.”
(ANTUNES, 2003, p.175)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LP	Língua Portuguesa
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO COMPONENTE CURRICULAR OBRIGATÓRIO E NECESSÁRIO NOS CURSOS DE LICENCIATURA.....	09
2.1 O estágio como espaço de formação e construção da identidade docente.....	11
2.2 O olhar do estagiário de Letras acerca do ensino de língua portuguesa.....	13
3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PREVISTO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS (LDB, PCN, BNCC)	15
4 RESSIGNIFICANDO O ENSINO DAS HABILIDADES DA COMUNICAÇÃO: UMA PROPOSTA A PARTIR DO ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO.....	18
4.1 Dado para análise.....	18
4.2 Análise e discussões.....	18
4.3 Possibilidade de resignificação.....	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	20
APÊNDICE- PLANO DE AULA.....	22

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

THE FORMATION OF THE PORTUGUESE TEACHER: SOME REFLECTIONS FROM THE SUPERVISED INTERNSHIP

Jardelly Luis Lira¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal propor uma ressignificação de uma aula de Língua Portuguesa (LP), tendo como ponto de partida uma experiência vivenciada durante o estágio de observação no ensino fundamental. Para tanto, faz-se necessário abordar aspectos da formação docente, especificamente do professor de LP, tendo o estágio como elemento indispensável nesse processo. Cada fase do curso de graduação contribui significativamente para a formação de um bom profissional, mas é no estágio que as experiências são ampliadas e enriquecidas, por ser um momento de reflexão e identificação com a profissão escolhida. Dessa forma, por se tratar de um tema relevante, algumas discussões sobre o processo de ensino serão apresentadas, tendo como base os documentos oficiais que também servem como embasamento para fundamentar a proposta de ressignificação metodológica que será descrita na última seção deste artigo. Assim, para fundamentação dos diálogos apontados nesse trabalho, teremos as contribuições de Pimenta e Lima (2011), Barreiro e Gebran (2006), os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCN (1998), a Lei de Diretrizes e Bases- LDB (BRASIL, 2017), a Base Nacional Comum Curricular- BNCC (BRASIL, 2017;2018), Brzezinski (2002), Antunes (2003), Oliveira (2010), dentre outros. Como resultados, os nossos estudos apontam que, ao mesmo tempo que o estágio se configura um espaço propiciador de reflexão, ele também possibilita ao professor em formação reformular/redirecionar práticas de ensino que servirão de base para a sua futura atuação.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Formação docente. Ensino. Língua portuguesa. Proposta de ressignificação.

ABSTRACT

The present article has as main objective to propose a resignification of a Portuguese Language (PL) class, having as a starting point an experience lived during the observational internship in elementary school. Therefore, it is necessary to approach aspects of teacher formation, specifically of the Portuguese Language teacher, with the internship as an indispensable element in this process. Each phase of the undergraduate course contributes significantly to the formation of a good professional, but it is at the internship that the experiences are expanded and enriched, for being this a moment of reflection and identification with the chosen profession. This way, since it is a relevant theme, some discussions about the teaching process will be presented, based on the official documents that also serve as the basis for the methodological resignification proposal that will be described in the last section of this article. Thus, to substantiate the dialogues pointed out in this paper, we will have the contributions of

¹ Graduanda em Letras- Habilitação Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba- Campus III.
E-mail: jardelly17@gmail.com.

Pimenta and Lima (2011), Barreiro and Gebran (2006), the National Curriculum Parameters-PCN (1998), the Law of Directives and Bases of National Education- LDB (BRASIL, 2017), the National Common Curricular Base- BNCC (BRASIL, 2017;2018) Brzezinski (2002), Antunes (2003), Oliveira (2010), among others. As a result, our studies indicate that, while the internship configures itself as a space that provides reflection, it also enables the teacher in formation to reformulate / redirect teaching practices that will serve as the basis for his future acting.

Keywords: Supervised Internship. Teacher formation. Teaching. Portuguese Language. Resignification Proposal.

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é um campo de conhecimento indispensável no processo de formação docente, pois é através dele que o estagiário é levado a conhecer aspectos da docência ainda desconhecidos durante a fase de aluno. É um processo que visa propiciar ao futuro docente experiências enriquecedoras para a formação profissional, ajudando-o a compreender melhor o processo de ensino e aprendizagem e permitindo-o refletir sobre as práticas já existentes e as futuras que poderão ser aplicadas em sala.

Considerando que o estágio possibilita também aos futuros professores perceberem com maior ciência os desafios que aparecem ao longo da prática docente, e que o ensino precisa ser atualizado a todo momento para atender as demandas sociais, nosso trabalho tem como principal intuito apresentar uma proposta de resignificação de uma aula de Língua Portuguesa, observada durante o estágio no ensino fundamental. De forma específica, pretendemos apontar como é possível o estagiário/futuro professor resignificar métodos a partir dos momentos de reflexão e articulação da teoria aprendida na universidade com a prática observada no estágio.

Para tanto, as discussões que seguem nesse trabalho estão articuladas da seguinte forma: com base nos pressupostos de Pimenta e Lima (2011), Barreiro e Gebran (2006), Silva (2014) dentre outros, trazemos, no primeiro momento, uma breve contextualização sobre o que é o Estágio e quais as suas implicações para a formação e a construção da identidade docente; no segundo momento, discutimos como é previsto pela LDB (2017), PCN (1998) e BNCC (2017; 2018), o ensino de língua portuguesa. Por fim, por se tratar de uma pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza interpretativista, trazemos a análise de um excerto retirado de um relatório de estágio de observação ¹que descreve a metodologia aplicada em

¹ O relatório utilizado para a análise, refere-se às experiências vivenciadas durante o estágio de observação pela autora deste trabalho.

uma aula de Língua Portuguesa por uma professora do ensino fundamental. Tal análise teve como propósito apresentar uma proposta de ressignificação da referida metodologia, à luz do que é discutido por alguns autores a exemplo de: Antunes (2003), Coppi (2011), Oliveira (2010), e do que é previsto pelos documentos oficiais para o ensino de língua.

2 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO COMPONENTE CURRICULAR OBRIGATÓRIO E NECESSÁRIO NOS CURSOS DE LICENCIATURA

O estágio supervisionado além de ser um componente curricular fundamental para os cursos de formação, tornou-se obrigatório a partir das Lei de diretrizes e bases (LDB-9.394/96) da Educação Nacional em seu artigo 61, parágrafo único que diz:

A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:

- I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;
- II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;
- III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. (2017, p.42)

Tendo em vista a obrigatoriedade do estágio, compreendemos sua importância por ser um momento propício para associar as teorias adquiridas com a prática, a fim de tentar contribuir da melhor forma possível para a formação profissional, além de trazer novas percepções de ensino e mostrar que as práticas tradicionais também são eficazes e que devem ser adaptadas ou permanecer de forma que deixe o ensino mais eficiente.

Quanto à carga horária destinada ao período de estágio, a LDB em seu artigo 65, pontua o seguinte: “A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas.” (2017, p.44). Em um primeiro momento, pode parecer muito tempo, mas, ao chegar no campo de estágio, o estagiário perceberá que, apesar de muito proveitoso, é curto o intervalo de tempo destinado ao convívio no ambiente escolar.

No que concerne à dinâmica do estágio, tem-se a seguinte organização: primeiro, há o momento das observações que é quando os estagiários vão para o ambiente escolar com um olhar reflexivo de futuros docentes na tentativa de capturar o máximo de informações possíveis para ajudá-los em suas práticas futuras. No segundo momento, os estagiários vão

atuar na escola de forma prática, ou seja, regencial, sendo supervisionados pelo professor titular da turma, conforme apontado por Souza (2017, p. 10):

O Estágio propriamente dito é caracterizado pelas atividades de observação e ministração de aulas, esta conhecida como período de regência. A primeira remete ao aluno estagiário observar as práticas adotadas pelos já então professores das escolas, sejam estas em nível fundamental ou médio. A segunda consiste em uma participação direta em sala de aula para, a partir de um planejamento, desempenhar o papel do professor. O aluno enquanto estagiário desenvolve, planeja e aplica atividades com o objetivo de validar sua experiência.

Tais experiências são vivenciadas, inicialmente, com o ensino fundamental II, durante as quais se desenvolvem cinco horas de aulas e cinco horas de oficinas, e, posteriormente, esse processo se repete com o ensino médio.

Sobre o período de estágio, Pimenta e Lima dizem que “[...] sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais, em contraposição à teoria.” (2011, p. 33). Nesse sentido, diversos alunos identificam a prática como algo distante da teoria, o que muitas vezes aparenta ser uma afirmação coerente. No entanto, a teoria e a prática, apesar de serem distintas, andam juntas e se complementam; tratá-las de forma isolada pode propiciar diversos equívocos, daí a importância de pesquisar e investigar algumas questões do estágio, compreendendo melhor o funcionamento deste componente.

As referidas autoras (op. cit.) seguem duas vertentes ao se referirem ao estágio supervisionado. A primeira tem a prática como imitação de modelos:

A profissão de professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática consagrados como bons. (p.35)

Seguindo esta percepção, entendemos que o estagiário no momento das observações seleciona as práticas consideradas boas e faz adaptações nas que tiveram menos êxito em determinada turma. Logo, o professor observado serve, nesse momento, como modelo e inspiração para as práticas educacionais futuras. Dessa forma, é natural que durante o período das observações no estágio, o estagiário analise e selecione práticas e métodos educacionais que mais lhe chamam a atenção para, posteriormente, adaptá-los no período da regência. Sendo assim, o futuro profissional, ao observar a prática de outro professor, terá a

oportunidade não só de confrontá-la com o que se aprendeu na academia, mas também reformular e acrescentar a essa prática algo significativo.

A segunda vertente, aponta a prática como instrumentalização técnica. Conforme Pimenta e Lima (2011), para que haja a prática se faz necessário o uso da teoria como fundamentos.

O exercício de qualquer profissão é técnico, no sentido de que é necessária a utilização de técnicas para executar as operações e ações próprias. Assim, o médico, o dentista necessitam desenvolver habilidades específicas para operar os instrumentos próprios de seu fazer. O professor também. No entanto, as habilidades não são suficientes para a resolução dos problemas com os quais se defrontam, uma vez que a redução às técnicas não dá conta do conhecimento científico nem da complexidade das situações do exercício desses profissionais. (p.37)

Como já foi mencionado anteriormente, a teoria e a prática se complementam e não devem ser vistas de forma isoladas, pois, para se desenvolver habilidades no ambiente de trabalho, é fundamental ter o conhecimento de teorias para então, colocar os ensinamentos em prática e assim poder aperfeiçoar as técnicas e as metodologias empregadas no ambiente de trabalho. Logo, esse princípio abrange as diversas áreas, não se restringindo apenas à profissão docente.

2.1 O estágio como espaço de formação e construção da identidade docente

Segundo Brzezinski (2002), a construção da identidade pode ocorrer de duas formas: a pessoal, que parte do princípio da experiência pessoal vivenciada pelo indivíduo, em que se destaca características como a unidade e originalidade própria do ser, e a coletiva, que parte de uma visão mais ampla, sendo influenciada pelos grupos e categorias sociais. Nesse contexto, podemos compreender que a identidade profissional, especificamente, é algo construído a partir da coletividade que demarca o papel do indivíduo na sociedade. Ainda conforme a autora mencionada:

A identidade construída pode ser pessoal ou coletiva. A primeira é configurada pela história e experiência pessoal e implica um sentimento de unidade, originalidade e continuidade, enquanto que a segunda é uma construção social que se processa no interior dos grupos e das categorias que estruturam a sociedade e que conferem à pessoa um papel e um *status* social. A identidade profissional configura-se como coletiva. (BRZEZINSKI, 2002, p.08)

Seguindo a concepção sobre a identidade coletiva, a autora enfatiza o quanto as associações, movimentos sociais e sindicatos da categoria dos educadores são espaços que permitem aos profissionais a construção da identidade. Os diálogos criam relações entre as pessoas e a troca de informações nesses ambientes são fundamentais para o processo identitário.

Por ser um campo de conhecimento indispensável no processo de formação docente, o estágio propicia ao futuro professor uma base teórica e prática que o ajudarão na construção da sua identidade docente. Esse contato com o ambiente escolar, que se dá de forma coletiva, é necessário e fundamental para todas as etapas da formação e autoafirmação do profissional. Acerca disso, Barreiro e Gebran (2006) afirmam que:

[...] deve-se atribuir valor e significado ao estágio supervisionado, considerado não um simples cumprimento de horas formais exigidas pela legislação, e sim um lugar por excelência para que o futuro professor faça a reflexão sobre sua formação e sua ação, e dessa forma possa aprofundar conhecimentos e compreender o seu verdadeiro papel e o papel da escola na sociedade (p.90).

Dessa forma, o processo do estágio se configura como sendo de fundamental importância nas licenciaturas no que se refere à construção da identidade profissional, pois permite ao futuro docente refletir e se tornar crítico também de suas práticas educacionais. Assim, a construção da identidade docente pode ser considerada como um processo contínuo, construído no decorrer da formação, e com as experiências adquiridas no cotidiano ao exercer o ofício, possibilitando ao futuro professor diversas reflexões que o ajudarão a compreender seu papel ao longo da jornada como docente. De acordo com Silva (2014, p.18-19)

Durante o processo de observação, os estagiários tendem a conceber uma postura de identificação, ou não, com a profissão que escolheu e para qual estão sendo formados. Na verdade, tal identificação não acontece apenas no decorrer do Estágio, mas é construída ao longo de toda a trajetória enquanto alunos, quando tornam-se (mesmo que de forma inconsciente) observadores dos seus próprios mestres.

Nessa direção, o estágio supervisionado não deve ser concebido como um simples componente curricular dos cursos de formação docente, cujo objetivo dos alunos é apenas atingir a carga horária e concluir as atividades de qualquer forma. Pelo contrário, esse momento deve ser visto como um espaço de amplas oportunidades e aprendizagens em que o estagiário, além de refletir sobre práticas pedagógicas e metodológicas, poderá desenvolver

propostas que possam contribuir significativamente com o ensino e intensificar sua afinidade pela profissão.

É bem verdade, que antes do estágio, os futuros docentes já tiveram experiências vivenciadas, enquanto alunos, que passaram despercebidas. Mas, ao assumir a postura de professor e a partir das teorias vistas até o momento da regência, enxergam detalhes da docência imperceptíveis durante a fase que estavam na postura de alunos, e muitas vezes se assustam com a realidade encontrada.

2.2 O olhar do estagiário de Letras acerca do ensino de Língua Portuguesa

Durante a vivência no estágio, o professor em formação tende a confrontar, mesmo que de forma não consciente, a teoria estudada na universidade e a prática de ensino observada, como também tende a questionar se na prática, certas teorias vistas na academia, realmente funcionam.

De acordo com Pimenta e Lima (2011, p. 43):

[...] o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamentos, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade.

A partir dessa fala das autoras, poderíamos fazer a seguinte indagação: Será que as teorias que vimos na academia são sempre válidas para os desafios reais que o estágio promove? Ao chegar na sala de aula – durante o período de regência- os estagiários lidam com diversas situações diferentes do ambiente acadêmico, por se tratar de públicos distintos e contextos diversos, desse modo, constatamos que as formas de enfrentar mudam conforme as circunstâncias. É muito comum que na academia os futuros docentes idealizam o contexto educacional, mas se surpreendem ao chegar no ambiente escolar durante o período do estágio, observando que a noção que tinham enquanto alunos fora equivocada, pois muitos são os problemas educacionais enfrentados pelos professores, partindo do público alvo que são os alunos, quem são eles, suas origens, são fatores que devem ser relevantes na hora das reflexões.

É bem verdade que durante o estágio, muitas práticas de ensino são observadas e analisadas pelos estagiários. No entanto, esse fator pode vir a gerar alguns questionamentos

no ambiente escolar, pois, de um lado, há os professores recém-formados com uma formação atualizada, e muitas propostas em mente para expor, porém, ainda inexperientes em alguns aspectos; de outro lado, há os docentes com mais tempo atuando em sala de aula e formação mais antiga. Mas, como analisar de forma crítica se uma prática de ensino é mais adequada ou eficiente que a outra? Nesse sentido, Oliveira (2010), faz a seguinte indagação: o que é ensinar?

Partindo dessa premissa, o autor enfatiza que o processo de ensino e aprendizagem pode ser analisado à luz de três abordagens teóricas: a primeira é a inatista, a qual aponta que o ser humano não sofre influências do seu meio social. As implicações dessa abordagem no contexto escolar são perceptíveis quando se entende que o aluno não precisa do professor para desenvolver sua aprendizagem, pois ele, por si só, já tem uma capacidade inata e independe de interferências externas. Nesse caso, todos os alunos são considerados como sendo igualmente capazes de aprender no mesmo ritmo e a partir de uma mesma metodologia. Logo, quando o professor adota uma prática homogênea que não considera as particularidades de cada aluno no processo de aprendizagem, reflete diretamente tal concepção de ensino.

Outra teoria que fundamenta muitas práticas, corresponde à visão behaviorista de ensino, a qual prega que a aprendizagem do ser humano acontece tão somente por meio de estímulos-resposta. Nessa perspectiva, o aluno é visto como um ser “sem vez e sem voz” e o professor como “aquele que tudo sabe”, como diz Oliveira (2011). Ou seja, o professor transmite o conhecimento de forma mecânica e estática e o aluno o recebe passivamente. A consequência dessa visão mecânica de ensino de língua portuguesa, por exemplo, faz como que o professor veja seus alunos como incapazes de desenvolver as quatro principais habilidades da língua: a leitura, a escrita, a oralidade e os conhecimentos linguísticos/gramaticais necessários para a construção de uma capacidade comunicativa, como afirma Coppi (2011, p. 04-05):

[...] o aluno tem na sua mentalidade que “não sabe português” e que “o português é uma língua muito difícil”, justamente porque a língua portuguesa é trabalhada como algo desconhecido pelos alunos, na maioria das vezes o professor de língua portuguesa esquece que o aluno já domina sua língua, pois a criança torna-se falante da sua língua a partir do contato com a fala dos seus familiares e das pessoas que o cercam antes mesmo de ter frequentado a escola. Fatores como este devem ser considerados pelo professor, para que haja prazer por parte do aluno, em estudar uma língua que é sua.

Por fim, temos uma terceira teoria que se contrapõe diretamente às duas acima, a visão interacionista de ensino:

O interacionismo vê o aprendizado com um processo de interação que envolve três fatores fundamentais: o aprendiz, os elementos de sua natureza biológica e o meio ambiente sociocultural em que ele está inserido. O aluno, sob a perspectiva interacionista, não é mais visto como um ser passivo – ele passa a ser concebido como um sujeito ativo que, para construir seus conhecimentos, se apropria dos elementos fornecidos pelos professores, pelos livros didáticos, pelas atividades realizadas em sala e por seus colegas. (OLIVEIRA, 2010, p.28)

Como se vê, essa abordagem aponta para três fatores indispensáveis para a aprendizagem (a genética, o aluno e o ambiente). Nessa perspectiva, tanto o professor quanto o aluno podem ensinar e aprender de maneira conjunta, criando espaços de oportunidade no desenvolvimento de diálogos e a troca de saberes. Logo, munidos de tais conhecimentos sobre as bases teóricas que podem interferir diretamente no trabalho docente, o estagiário pode e deve confrontar o que observa na prática do professor da escola-campo com as perspectivas que cada uma apresenta, como também refletir sobre elas.

3 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PREVISTO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

Apesar de toda problemática que permeia o contexto escolar, as orientações contidas nos documentos oficiais, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de certo modo, estreitam os laços entre o que dizem as pesquisas científicas sobre o ensino de língua portuguesa e as práticas pedagógicas cotidianas.

O artigo 26 no inciso 1 da Lei 9.394/96, estabelece a implementação obrigatória do componente curricular Língua Portuguesa nos currículos, colocando-o como eixo central para desenvolver as habilidades (leitura, escrita, oralidade, conhecimentos linguísticos/gramaticais), abrangendo o conhecimento de mundo e as experiências da realidade social do aluno.

A implementação do componente Língua Portuguesa nos currículos tem como consequência desenvolver competências e o professor deve estar atento aos requisitos propostos nos PCN, na BNCC, na LDB e demais documentos importantes, de forma que possam adaptar o ensino conforme as necessidades sociais.

Os PCN, por exemplo, definem os objetivos gerais do ensino fundamental e de todas as áreas de conhecimento respeitando as diversidades sociais e culturais de modo a acolher todos os públicos.

Tanto os objetivos gerais do ensino fundamental, como os gerais de área, estão formulados de modo a respeitar a diversidade social e cultural e são suficientemente amplos e abrangentes para que possam permitir a inclusão das características locais. (BRASIL, 1998, p.52).

Os objetivos não só do componente curricular Língua Portuguesa, mas as demais áreas, devem considerar a heterogeneidade de culturas e classes no país de modo a não cometer exclusão. Quanto ao ensino fundamental, a LDB, em seu artigo 32, garante ao aluno o direito de ensino gratuito nas instituições públicas durante nove anos, correspondendo ao ensino fundamental I e II. Além desses pontos, o mesmo documento também enfatiza o direito dos alunos ao conhecimento, seja na área de linguagens, exatas e outras esferas. Vejamos:

I – o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
 II – a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
 III – o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
 IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (LDB, 2017, p.23)

O processo de ensino do componente curricular Língua Portuguesa (LP), em especial, necessita a todo momento de reflexões e mudanças na tentativa de ajudar os alunos a desenvolverem competências e habilidades, pois, conforme a sociedade vai se modificando sempre, o processo de ensino deve manter-se atualizado para suprir as demandas sociais.

No que diz respeito às competências necessárias para o desenvolvimento do letramento não só escolar, mas também social, Antunes (2003) afirma que o ensino de língua deve focar numa abordagem significativa das seguintes habilidades: ler, ouvir, falar e escrever. Sobre tal abordagem, Ferrarezi Jr. (2014, p.67, grifo do autor) diz que:

[...]é preciso registrar que nenhuma delas deve ser trabalhada isoladamente. Ler sem escrever, ouvir sem falar, falar sem escrever, escrever sem ouvir etc. são formas compartimentadas e ineficientes de trabalhar a comunicação e, em última instância, de trabalhar um padrão específico de linguagem (no caso, o padrão culto de que a escola tanto se ocupa). Embora a gente tenha a impressão preliminar de que dá para fazer uma coisa de cada vez, (e, na

linha do tempo, até daria...), deve-se ter em mente que é a integração das quatro habilidades que permite a formação de um “*homo communicans*”, até porque de nada adianta ser “*sapiens*” se não se consegue comunicar isso ao mundo[...].

Segundo o autor, as habilidades ler, escrever, ouvir e falar devem ser trabalhadas de maneira inclusiva na sala de aula, já que funcionam como peças fundamentais na construção do saber e da interação. Ao excluir qualquer uma delas, a comunicação pode não ter eficácia uma vez que a formação de um homem comunicativo depende do desenvolvimento dessas quatro habilidades, o professor deve estar atento para trabalhá-las de forma unificada abordando seus sentidos para não correr o risco de cometer equívocos. Nesse sentido, o desenvolvimento das habilidades e competências na área de LP, deve envolver o texto como um mediador dinâmico e interacional, o que demanda algumas estratégias, como apontam os PCN (BRASIL, 1998, p.59):

Uma vez que as práticas de linguagem são uma totalidade e que o sujeito expande sua capacidade de uso da linguagem e de reflexão sobre ela em situações significativas de interlocução, as propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa devem organizar-se tomando o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente.

A BNCC, por sua vez, aborda algumas habilidades que o componente curricular Língua Portuguesa deve desempenhar no ensino fundamental, dentre elas: “Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.” (BRASIL, 2017, p.151). Vale ressaltar a importância de trabalhar com temáticas de cunho social, uma vez que o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) cobra dos estudantes que concluem a educação básica seus posicionamentos críticos acerca de problemas reais. Apesar de ser fundamental o uso do livro didático, se faz necessário levar também conteúdos complementares que envolvam questões da realidade dos alunos, os temas a serem abordados devem priorizar o interesse da turma.

Os PCN também enfatizam a importância de trazer conteúdos que apresentem significados para os alunos, para que o processo de aprendizagem aconteça de forma mais eficaz. “No entanto, para que a aprendizagem possa ser significativa é preciso que os conteúdos sejam analisados e abordados de modo a formarem uma rede de significados.” (BRASIL, 1998, p.75). Deve existir, portanto, uma relação entre conteúdos abordados e realidade, para despertar a curiosidade dos alunos e instigá-los a pesquisar, analisar, refletir e

questionar, podendo assim ampliar os níveis de leitura/escrita para que eles sintam-se mais seguros ao interagir com a sociedade.

Desse modo, o trabalho com os diversos gêneros textuais na educação básica pode ser uma maneira facilitadora de permear o conhecimento no jovem de forma que o possibilite ampliar seus horizontes de saberes, levando o mesmo a fazer parte da comunidade ativa que interage com o meio social.

4 RESSIGNIFICANDO O ENSINO DAS HABILIDADES DA COMUNICAÇÃO: UMA PROPOSTA A PARTIR DO ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO

Nesta seção será apresentada a análise de um excerto retirado do relatório de estágio de observação da autora deste trabalho. Tal análise busca descrever a metodologia de uma professora de língua portuguesa observada pela estagiária durante o estágio no ensino fundamental ²para, posteriormente, apresentarmos uma proposta de ressignificação dessa metodologia fundamentada à luz dos documentos oficiais BNCC e PCN. A análise será norteada a partir das discussões acerca de uma perspectiva interacionista e dinâmica de ensino de língua, para que o processo de aprendizagem possa ser visto de forma significativa pelos alunos e pela sociedade como um todo.

4.1 Dado para análise

*De acordo com as observações feitas nas aulas, a professora utilizou um único assunto, Pluralidade Cultural, por se tratar de um tema amplo a mesma **preferiu trabalhar minunciosamente expondo algumas experiências vividas por ela.** A partir desse assunto, a docente trabalhou sobre preconceitos e bullying na escola. Falou também sobre a variedade cultural existente no meio social, tema que chamou atenção da turma e antes da explicação **a professora escreveu no quadro as respostas do livro do professor para que os alunos pudessem corrigir suas atividades, pois eram tidas como as mais corretas, alguns deles apagaram para colocar da forma que estavam no quadro, dando a entender que não eram capazes de formular uma resposta [...]***

4.2 Análise e discussões

² O estágio de observação no ensino fundamental em uma escola pública estadual, e se realizou no período de 30 de agosto a 05 de setembro de 2018, em uma turma de 9º ano.

A partir do excerto citado, podemos ver que a metodologia trabalhada pela professora, especificamente nessa aula, que teve duração de aproximadamente 50 (cinquenta) minutos, contempla o método tradicional, sem necessariamente propiciar aos alunos espaços para diálogos, além de ter como fonte única de consulta teórica, o livro didático e as experiências adquiridas ao longo da jornada como docente. Podemos perceber em tal aula, que alguns aspectos da perspectiva behaviorista são notórios, tendo o professor como detentor de todo o conhecimento e que apenas transfere para o aluno, como se o mesmo não possuísse nenhum saber. O fato de não oferecer um espaço de discussão para que os alunos pudessem compartilhar seus saberes a respeito do tema trabalhado, é um exemplo disso.

É interessante o trabalho com o livro didático, porém, para que a aula sobre “Pluralidade Cultural” fizesse mais sentido na vida dos alunos, não sendo um conteúdo fundamental apenas para o âmbito escolar, mas que eles compreendessem a importância do que estava sendo exposto e pudessem também compartilhar os novos conhecimentos adquiridos na sala com outras pessoas, novas propostas de ensino fundamentadas nos PCN (BRASIL, 1998) e na BNCC (BRASIL, 2017) pudessem ser aplicadas, explorando o conteúdo de uma maneira mais significativa, como será proposto na seção abaixo.

4.3 Possibilidade de ressignificação³

Segundo Antunes (2003), ensinar Língua Portuguesa é assumir a responsabilidade de ter que instigar os alunos a desenvolver as quatro habilidades: ler, escrever, ouvir, falar. Se o professor conseguir abranger as quatro habilidades de forma contextualizada ele terá contribuído para um ensino voltado para preocupações sociais.

Pensando numa ressignificação para a aula sobre “Pluralidade Cultural”, à luz das discussões apresentadas no decorrer desse trabalho sobre um ensino interativo e contextualizado, o professor poderia, a partir de textos e vídeos informativos, trazer diversos aspectos culturais para discussão em sala. Nesse contexto, para que o aprendizado pudesse ser significativo nessa aula analisada, seria propício que, após uma contextualização do conteúdo, ou seja, a apresentação do tema, explorando aspectos conceituais e característicos, o docente sugerisse a divisão da turma em grupos para incentivar os alunos a discutirem e, posteriormente, apresentarem elementos da diversidade cultural, tais como: as tradições, as

³ Para uma possível realização da aula proposta, elaboramos um plano de aula e o mesmo encontra-se no Apêndice, ao final deste trabalho.

comidas típicas e até mesmo os costumes de algumas regiões brasileiras ou de outros países. Com isso, o professor iria instigá-los a participarem da aula de forma ativa, pois, após esses momentos de discussão coletiva, os alunos poderiam confeccionar cartazes e expor oralmente, por meio deste gênero, os conhecimentos adquiridos sobre o tema trabalhado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões apresentadas no decorrer desse artigo, pode-se compreender que o estágio é muito mais que um componente curricular nos cursos de formação profissional. É de fato, um espaço que possibilita ao estagiário confrontar a teoria da academia com a prática no contexto escolar. Sua organização é essencial para que o docente em formação possa refletir sobre as práticas observadas e a sua futura atuação como professor de língua no contexto escolar. Embora o tempo dedicado ao estágio não seja considerado suficiente para se dominar todas as habilidades e competências fundamentais para o ofício, as experiências vivenciadas e adquiridas pelo estagiário podem representar um ponto de partida para futuras intervenções significativas do ensino.

Como discutido ao longo do nosso estudo, vimos que para desenvolver um ensino de qualidade é fundamental considerar as teorias e práticas já existentes, ser criativo e inovar sempre que preciso, permitindo que as práticas adotadas sejam sempre flexíveis a mudanças. É importante destacar como vimos na última seção desse trabalho que o estagiário durante o breve contato com a realidade escolar, identifica a necessidade de trazer uma ressignificação para as práticas educacionais, já que a sociedade está em constante processo de mudança, estando ciente que o processo de lecionar envolve diversos desafios, seja no âmbito emocional, cultural, estrutural etc.

Nesse sentido, é válido reforçar que não só o estagiário, mas o professor já experiente deve estar aberto a reformulações que contribuam para o aperfeiçoamento de suas práticas e, ao final de cada etapa do ofício, refletir e analisar cada uma delas com o intuito de sempre buscar o que seja mais significativo para os seus alunos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2017.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2018.

BRZEZINSKI, Iria. **Profissão professor: identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002.

COPPI, Danielle dos Santos Mendes. **A visão do ensino de língua portuguesa a partir do estagiário de Letras**. Trabalho de Conclusão de Curso-Artigo (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2011. 18f.

FERRAREZI JR, Celso. As quatro habilidades básicas da comunicação na sala de aula. In: _____. **Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção docência em formação- Série saberes pedagógicos)

SILVA, Karla Valéria Araújo. **O estágio supervisionado e o ensino dos gêneros textuais: concepções de professores em formação inicial**. 2014. Monografia (Especialização em Interface Teórico-Prática para o ensino de Língua e Linguística) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014. 51p.

SOUZA, Raíssa Kayonnara Albuquerque de. **A relação teoria e prática no estágio supervisionado**. Trabalho de Conclusão de Curso-Artigo (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2017. 27p.

APÊNDICE - PLANO DE AULA

Plano de Aula

➤ **Conteúdo programático**

- ✓ Pluralidade Cultural

➤ **Duração:** 01 aula (50 minutos)

➤ **Objetivo Geral:**

- ✓ Apresentar o conteúdo pluralidade cultural, explorando seus aspectos conceituais e característicos.

➤ **Objetivos específicos:**

- ✓ Sondar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o conteúdo;
- ✓ Discutir o conceito de pluralidade cultural e sua interferência no meio social;
- ✓ Promover atividades que desenvolvam as habilidades da comunicação (ler, escrever, ouvir, falar).

➤ **Metodologia**

- ✓ Aula expositiva dialogada
- ✓ Apresentação de textos e vídeos informativos
- ✓ Leitura coletiva
- ✓ Debates em grupos

➤ **Avaliação**

- ✓ Produção textual (Confecção de cartazes)
- ✓ Exposição oral dos cartazes

➤ **Recursos didáticos**

- ✓ Textos e vídeos informativos sobre a diversidade cultural
- ✓ Data show e notebook
- ✓ Cartolinas

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre presente em minha vida, me encorajando a superar os desafios que surgem no decorrer da jornada. Por me permitir uma vida repleta de bênçãos.

Ao meu queridíssimo pai José, por renunciar sempre seus desejos, tendo nossos sonhos como prioridade. Obrigada por sempre estar comigo até nas horas mais difíceis, me passando confiança e saberes. Por ser um pai exemplar e amoroso.

À minha mãe Severina, que apesar de seu jeito particular de demonstrar carinho, me faz feliz. Por estar sempre na torcida que meus sonhos se realizem, fazendo o possível para me ajudar.

A meu moço Edinaldo, por todo amor, companheirismo, paciência e ajuda no decorrer da minha formação profissional. Por me fazer feliz e realizada.

À minha queridíssima madrinha Josilene, por ser como uma segunda mãe, minha inspiração tanto como pessoa quanto como profissional. Por toda ajuda, apoio e carinho no decorrer de toda minha vida.

Aos meus familiares, que direta ou indiretamente me ajudaram a realizar este sonho. À minha tia Teca, pelas orações em meu favor! A Severino (Birruca), que apesar de não estar mais entre nós, me incentivou inúmeras vezes.

À minha amiga Roseane, por estar comigo em tempo integral, ajudando com os desafios acadêmicos e pessoais, um presente que a UEPB me deu.

A José Gomes (Jota), por me ajudar a permanecer no curso, em momentos difíceis do primeiro período.

Aos meus colegas de turma, por me acolherem e compartilharem momentos inesquecíveis.

À minha querida orientadora, Karla Valéria, por ser dedicada, compromissada, compreensiva e amorosa. Me encorajou nos momentos em que parecia estar tudo perdido e, apesar do curto tempo, aprendi bastante. Exemplo de profissional excelentíssima, um ser abençoado por Deus. Sem ela este sonho não seria realizado.

À professora Danielle, por ser um grande exemplo de profissional e de pessoa. Por ter compartilhado seus conhecimentos, e por ser sensível com o próximo.

À professora Iara por ter contribuído de forma significativa no meu processo de formação profissional, e por ter aceitado o convite para ser uma das examinadoras da minha banca.

A todos os professores do curso de letras que de alguma forma deixaram marcas positivas na minha formação profissional, meu muito obrigada!